



Junho 73

GUERRA À GUERRA

COMITE DE DESERTORES PORTUGUESES — MALMO/LUND — SUÉCIA Junho 73 nº 5

CONFERÊNCIA DE OSLO

DE 9 A 14 DE ABRIL DE 1973

ESTAVAM REPRESENTADAS: 65 NAÇÕES E
9 MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO

ORGANIZADA NO ÂMBITO DE TRABALHOS DA O.N.U. E DA
O.U.A. (Organização de Unidade Africana)

FINALIDADE : COMBATE À POLÍTICA COLONIAL PORTUGUESA,
ÀS ACTIVIDADES IMPERIALISTAS DA NATO E AOS SISTEMAS
RACISTAS DA ÁFRICA DO SUL E DA RODÉSIA

Entre os vários pontos discutidos e aprovados citamos os seguintes:

— Um alargamento das actividades da Nato na Atlântico Sul e no Oceano Índico é de considerar como uma ameaça à paz e segurança dos Estados Africanos independentes e um auxílio directo a Portugal e à África do Sul.

— A Organização das Nações Unidas deve exigir uma paragem total para todos os fornecimentos de armas a Portugal, inclusive aviões civis, navios, etc. que possam ser utilizados para transportar material militar e soldados.

— Países pertencentes à NATO que se recusam a fornecer armas a Portugal devem agir dentro da NATO para que esta deixe de contribuir para a guerra colonial portuguesa.

— Uma campanha internacional para a libertação de todos os presos políticos. Os Movimentos de Libertação devem convidar a Cruz Vermelha Internacional para inspeccionar as prisões portuguesas.

— QUE OS DESERTORES DO EXÉRCITO PORTUGUÊS SEJAM RECONHECIDOS COMO REFUGIADOS POLÍTICOS COM DIREITO DE PROTECÇÃO E AJUDA EM PAÍSES ESTRANGEIROS.

— Que seja terminada toda a colaboração com Portugal nos projectos de Cabora Bassa e Cunene e sejam tomadas medidas concretas que levem a que os projectos sejam por completo abandonados.

— Os governos e as organizações devem trabalhar para que todo o capital estrangeiro seja retirado das colónias portuguesas a começar com uma paragem total da exportação e dos investimentos. Nenhum empréstimo deve ser concedido a Portugal.

— Impedir toda a colaboração dos Estados Ocidentais nos planos de Portugal para amentar a colonização branca em África.

— Os territórios portugueses não devem continuar a fazer parte da classificação do Mercado Comum Europeu como países sub-desenvolvidos.

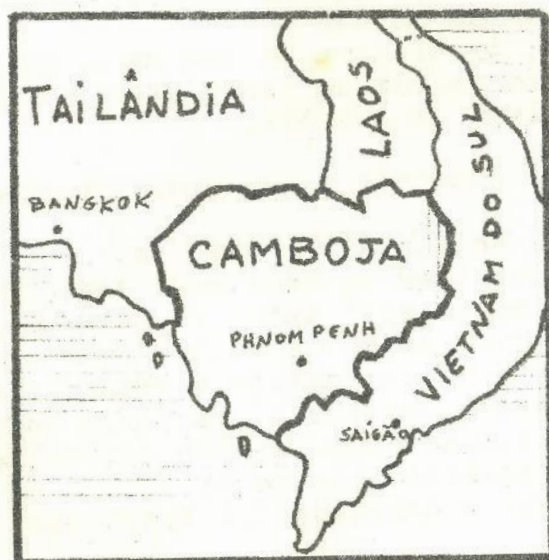
Os acordos comerciais entre o Mercado Comum Europeu e Portugal e entre os antigos Estados da EFTA e Portugal devem cessar.

— Todo o turismo a Portugal e colónias deve ser desaconselhado.

NOVAS VITÓRIAS

DO POVO CAMBOJANO

Os últimos meses foram marcados por grandes êxitos da luta revolucionária no Camboja, ocupando actualmente as forças populares cerca de 95% do território cambojano onde vive 80% da população do país, 7 milhões de habitantes.



A própria capital, Phnom Penh, encontra-se cercada pelo exército de libertação e com os acessos terrestres bloqueados. Só o auxílio dos imperialistas americanos, que estabeleceram uma ponte aérea para abastecimento da capital e os selváticos bombardeamentos da aviação americana puderam retardar a derrota total da clique de reaccionários chefiados pelo laçao Lon Nol. Foi este fiel servidor do imperialismo americano que em 18 de Março de 1970 derrubou o governo do príncipe Sihanouk por meio de um golpe de estado em colaboração com a CIA.

Sihanouk, chefe de estado do Camboja desde o acesso do país à independência em 1954, levava a cabo, no plano externo, uma política de independência em relação aos Estados Unidos, tornando-se um obstáculo à política americana de agressão aos povos da Indochina.

Imediatamente após o golpe de estado de Lon Nol, Sihanouk soube reconhecer alguns dos seus erros enquanto chefe de Estado do Camboja, tendo delineado o desenvolvimento da luta de libertação nacional que passou pela criação do GRUNC (Governo Real de União Nacional do Camboja), do Exército de Libertação Nacional (FAPLNC) e a formação da Frente de União Nacional do Camboja (FUNC), englobando todas as forças patrióticas nacionais.

As tarefas prioritárias do FUNC foram então definidas como sendo as de:

1) Libertar a pátria da ditadura e opressão da clique reaccionária e pro-imperialista de Lon Nol,

2) Combater o imperialismo americano,

3) Reconstituir o Camboja.

Na presente fase da revolução cambojana, mantêm-se actuais as tarefas então enunciadas pelo príncipe Sihanouk. Em todas as zonas libertadas foram criados Comités directamente eleitos pelo povo ao nível de aldeia, distrito e província. Foram igualmente constituídas cooperativas agrícolas de campo neses, o que permitiu o aumento geral da produção de cereais, que é agora de 3,5 toneladas por hectare.

As terras dos grandes agrários que abandonam as zonas libertadas são imediatamente confiscadas, bem como as dos que colaboram com a clique de Lon Nol. Bem diferente é a situação nas zonas ainda sob o domínio dos lacaios do imperialismo. Em Phnom Penh a escassez de abastecimentos provocou uma inflação galopante, tendo o preço de cem quilos de arroz subido de 630 real para 3500 real em 1972, isto é, um aumento de 546%.

O exército, composto na maior parte dos casos por soldados recrutados a força encontra-se numa situ-

5
ação caótica minado por elevado número de desertores e a falta de motivações de luta. Após as recentes vitórias das forças de libertação a situação ainda se agravou mais no seio do exército mercenário donde, em 14 de Abril último, 1200 soldados esfo-meados terem invadido o centro de Phnom Penh lançan-do tiros para o ar e ameaçando avançar contra o pa-lácio presidencial caso não lhes fossem pagos os sa-lários dos últimos meses. Este é o resultado da cor-ruptão que reina na junta governamental de Phnom Pe-nh. Para que os oficiais de alta patente e ministros vivam à grande e façam depósitos nos bancos da Suíça foram criados 120 000 soldados no papel, mas que na realidade não existem. Entretanto os soldados do exército de Phnom Penh são obrigados a vender as pró-prias armas para poderem comer.

Mas não é apenas o exército de libertação que in-flige pesadas derrotas aos reaccionários cambojanos. Em plena capital os operários desencadearam poderosas lutas contra a ditadura e pelo aumento de sala-rios. Em Fevereiro desencadeou-se uma greve geral em que tomaram parte mais de 60 000 trabalhadores da in-dústria têxtil, borracha e do sector dos transportes. A paralização atingiu também as escolas onde profe-ssores e estudantes boicotaram as aulas, num gesto de solidariedade para com os grevistas. Os mais recentes acontecimentos no Camboja mergulharam a clique de Lon Nol em grande desespero, fazendo aumentar as con-tradições entre os diversos clãs reaccionários. Daí resultou uma crise política em Phnom Penh, na qual to-mou decisivo papel a embaixada americana e que se re-solveu com a entrada de novos fantoches para o gover-no de Lon Nol.

Mas apesar de todos os seus esforços e do enorme auxílio imperialista superior a 300 milhões de dóla-res por ano a luta de libertação no campo de batalha aumenta, enquanto no plano internacional e diplomáti-co o GRUNC se vê amplamente reconhecido (por 34 es-tados e 2 movimentos de libertação).

Apesar da traição da camarilha revisionista so-viética que aqui mostra abertamente a face do soci-al-imperialismo ao colocar-se do lado do reaccioná-rio Lon Nol.

Numa entrevista publicada na revista Kommentar em 9/12 Hor Namhong, membro da representação do GRUNC em



LUTAS POPULARES EM PORTUGAL

LUTAS OPERÁRIAS

No Porto:

No dia 21 de Dezembro as operárias de "Nova Malha" pediram para não trabalhar no dia 23, sábado e ante-véspera de Natal.

O patrão no dia 22 negou este pedido e devido à firmeza na reivindicação por uma secção despediu 2 operárias.

Seguidamente todas as operárias se negaram a trabalhar nesse próprio dia 22 se aquelas 2 operárias não fossem readmitidas. Paralizaram o trabalho das 12 às 16 horas até que o patrão readmitisse as operárias despedidas e satisfizesse a exigência anterior.

Na STCP:

A luta continua na STCP. A sua principal forma de luta neste momento é a "cera". Os operários preparam-se para a greve geral na STCP. Os operários organizam-se na luta contra a exploração!

"Falencia" da fábrica GIALCO:

Mais uma fábrica que "faliu" e tres dos patrões fugiram para o estrangeiro.



O quarto patrão, de noite, mudava as máquinas valiosas. Este intimado para ir a tribunal recusou-se.

Um dia, apanhado a entrar para um banco por um operário, que deu o alarme aos 300 operários despedidos, foi esperado à saída e ao chuto foi conduzido até ao tribunal, num percurso de cerca de um quilómetro, aplaudidos pelo povo ao longo das ruas.

Na Venda Nova (Lisboa):

Na metalúrgica da COMETA no dia 1 de Fevereiro duas secções (150 operários), pararam o trabalho durante meia hora para reivindicar aumentos de 15% e a diminuição de 48 para 45 horas de trabalho semanal. O director da fábrica mandou imediatamente dizer que voltassem ao trabalho, pois que no fim do dia daria uma resposta.

Porém às 13.30 os operários todos em peso (800) pararam o trabalho durante mais duas horas.

No fim do dia o patrão cedeu em parte: uma diminuição da semana de trabalho para 45 horas, mas apenas 5% de aumento.

LUTAS DOS SOLDADOS

Em Vila Franca:

Depois de ter sido largamente distribuído o Manifesto dos Soldados, os recrutas recusaram-se a ir às aulas e a "pagar" castigos na Escola de Marinheiros.

Dias depois, durante uma aula de boxe, onde os chicos querem que os recrutas se virem uns contra os outros, uma companhia em peso levantou-se e atirou-se à chicalhada e seus lacaios deixando-os por terra.

No Alfeite:

Em meados de Fevereiro foram distribuídos na BASE NAVAL DE LISBOA dezenas de "MANIFESTOS DOS SOLDADOS" e panfletos contra a guerra colonial e ainda exemplares da carta da FRELIMO aos soldados portugueses. Esta propaganda distribuída por toda a Base teve enorme repercussão e foi grande a agitação que correu pelos marinheiros.



Em Mafra:

Durante o mês de Janeiro foram distribuídos comunicados do PAIGC, nas casernas dos soldados cadetes da Escola Prática de Infantaria. Nesses comunicados o PAIGC denunciava os bombardeamentos aérios executados pelos colonialistas portugueses sobre as escolas, hospitais e populações civis da Guiné libertada. O PAIGC denuncia assim os crimes dos colonialistas e incita os soldados a desertarem das fileiras do exército colonial.

Na altura da distribuição dos comunicados desapareceu uma espingarda automática, G3. Por isso o quartel entrou em estado de sítio: casernas e armários foram revistados, todo o material de guerra foi controlado nas arrecadações, os soldados e as malas foram revistadas nas formaturas de saída e nem os carros dos oficiais chicos escaparam à revista.

A LUTA DOS ESTIVADORES

Em Leixões:

No dia 3 de Fevereiro, os estivadores que trabalhavam no navio "Amboim" recusaram-se a trabalhar das 20 horas até às 24 horas, como resposta às exigências da APTL.

Também pela mesma justa razão se verificaram paralizações no navio "Porto".

Tentando que os estivadores não parassem o "Sindicato" acabou por se ver obrigado a estipular que a descarga do açúcar apenas se fizesse até às 20 horas.

CONTRA A GUERRA COLONIAL

Centenas de estudantes e alguns trabalhadores manifestaram-se por duas vezes durante o mês de Fevereiro contra a guerra colonial assassina e clamam do vingança, pelo assassinato de Amílcar Cabral. No Café do Sodré os manifestantes empunharam uma bandeira vermelha e distribuíram propaganda anti-colonial. Em Alcântara e na Praça do Chile os manifestantes enfrentaram um enorme aparato policial. Houve dezenas de prisões mas os manifestantes responderam corajosamente à pedrada à polícia.

ÚLTIMA HORA!!!

Os pescadores de Matosinhos em greve desde 1 de Abril

Em Janeiro foram os pescadores do arrasto que durante 23 dias se mantiveram em greve total acabando por triunfar. Os descarregadores de peixe fizeram também dois dias de greve.

Desta vez são os pescadores das traineiras que se mantêm heróicamente em greve há mais de 60 dias. As reivindicações dos pescadores são: 50\$ de caldeirada, aumento da percentagem, não ir ao mar ao domingo e que nenhum pescador seja despedido.

O jornal O GRITO DO POVO divulgou um apelo lançado pelos Comitês Operários aos trabalhadores portugueses na emigração, incitando-os a:

- Divulgar ao máximo a luta junto de todos os amigos portugueses e estrangeiros;
- Organizar acções de solidariedade com os pescadores em luta;
- Reunir fundos que serão enviados aos pescadores em greve.

O C.D.P. de Malmö/Lund considera que a solidarização com este apelo é uma das formas concretas de efectivar o seu 2º ponto base — Apoio à luta revolucionária em Portugal.

Penhamos o C.D.P. ao serviço da luta do povo português, cumprindo os três pontos do apelo dos Comitês Operários.

Colaboremos na campanha de recolha de fundos lançada na Suécia pelo jornal LUTA OPERÁRIA.

NOTICIÁRIO

BARCARENA

Na Companhia de Pólvoras e Munições no dia 30 de Novembro deu-se uma série de 13 explosões que matou instantaneamente 7 operários e feriu 14 com gravidade, um dos quais veio a falecer depois.

Nos últimos 40 anos houve 5 grandes explosões nesta fábrica.

O maior perigo provém da pólvora altamente explosiva que se encontra sempre pelo chão e paredes das oficinas. O pó da pólvora devia ser limpo todos os dias e deviam existir máquinas modernas que o não espalhassem. Tinha-se por norma não arrastar nenhum objecto pesado pelo chão por haver o perigo de causar faúlhas, segundo disse um operário.

No dia das explosões uma máquina avariou-se e alguns operários foram encarregados por um dos mestres de arrastar a máquina para fora da oficina. Vários operários, prevendo o perigo, chamaram a atenção do encarregado. Apesar deste aviso o encarregado insistiu e assim deu-se a explosão.

Na Ribeira de Cima houve também várias casas de operários que ficaram danificadas, mas indemnizações nem pensar nelas.

A única coisa pela qual a direcção da fábrica se preocupou foi pela compra de terreno no cemitério para os operários mortos e os que virão a morrer nas explosões!

Na Fabrica de Barcarena fabricam-se também granadas de morteiros de avião para utilizar na assassina guerra colonial.

A ALBANIA RECUSOU O ÁRBITRO PORTUGUES

A FIFA designou um árbitro português para o jogo Albânia-Romenia em Tirana.

O governo albanês recusou o visto de entrada a este árbitro.

Assim a Albânia solidariza-se com a luta do povo português e contribui para um maior isolamento e denuncia internacionais do fascismo português.

Paris disse a este respeito: "Quero também deixar claro que nós lamentamos profundamente que certos países que se dizem socialistas não só não nos reconhecem como colaboram com o regime de Lon Nol". "Posso assegurar-vos que nem uma só bala ou arma chega ao país como auxílio soviético"... "não nos chega qualquer auxílio da União Soviética".

A visita de inspecção que o príncipe Sihanouk efectuou com êxito às zonas libertadas do Camboja durante o mês de Março, presidindo ao primeiro conselho de ministros do GRUNC e participando no grande meeting de 23 de Março, na festa do 3.º aniversário da fundação do FUNC e das FAPLNC, demonstrou como Norodom Sihanouk é reconhecido por toda a resistência nacional como o único chefe legal do Estado do Camboja e o chefe da resistência nacional (FUNC).

No plano internacional Sihanouk afirma-se o verdadeiro representante do Camboja independente, não-alinhado e anti-imperialista.

A heróica luta deste povo khmer, tal como a luta dos restantes povos indochineses, triunfará porque ela responde aos anseios da maior parte da população no seu combate contra a reacção e o imperialismo, contando com o apoio do povo chinês e de todos os povos livres do mundo.

Chou En-Lai reafirmou na sessão em honra de Sihanouk ao regressar do Camboja:

"Apoiar o povo cambojano na sua luta contra a agressão americana pela salvação nacional é um dever internacionalista que nos incumbe.

Tal como no passado, o povo chinês manter-se-á sempre ao lado do povo cambojano e apoiará firmemente a sua justa luta até à vitória total".

Postgiro 869471-3

Comité de Desertores Portugueses **Malmö/Lund**

DIA 12: MANIFESTAÇÃO CONTRA A REUNIÃO DA NATO

[O RUI PATRÍCIO TAMBÉM LÁ ESTÁ]

CDP DA DINAMARCA TODOS À MANIFESTAÇÃO

Os Comitês de Desertores são organizações que podem resolver grande parte dos teus problemas no que respeita a alojamento, legalização, emprego, etc.

Além disso poderás, integrando-te nas actividades dos CD, continuar a lutar, mesmo no exílio, contra a guerra colonial e apoiar a luta revolucionária em Portugal.

Por isso dirige-te aos Comitês de Desertores!

EM FRANÇA:

PARIS:

Pierre Sorlin
13, R. Pierre Nicole
75005-Paris

GRENOBLE:

François Bel
40, Gal. de l'Arlequin
Apt. 1602-Ville Neuve
38-Grenoble

NA DINAMARCA:

Erik Petersen
Sct. Poulsgade, 37
8000-Århus C

NA HOLANDA:

CRP Tel. 020/143850
Jacob v. Lennepkade, 13
Amsterdam Oud-West

NA SUÉCIA: Tel. 046/130246

CDP

fack 5029 - 22005 Lund-5

92126